

Impactos do Racismo na Formação da Identidade das Mulheres Negras

Bruna Pereira dos Santos¹, Paulo Germano Barrozo de Albuquerque²

SUMÁRIO: 1 Introdução. 2 Racismo, identidade e mulheres negras. 3 Método cartográfico . 4 Descrição/Análise do filme. 4.1 Cena 1. 4.2 Cena 2. 4.3 Cena 3. 4.4 Cena 4. 4.5 Cena 5. 4.6 Cena 6. 4.7 Cena 7. 5 Considerações finais. 6 Referências.

Resumo. Este trabalho visou mostrar como se forma a identidade, Hall (2015), das mulheres negras, e porque esta identidade, na maioria das vezes, é atravessada pelo ideal branco. Expondo a necessidade de se fazer novas formas de pensamento para essas mulheres e para isso colocando a psicologia como instrumento de combate ao racismo na medida em que é uma questão que envolve adoecimento psíquico. Para tanto, fizemos uma cartografia (Deleuze, 1998; Rolnik, 2014) do filme *Felicidade por um fio* (Nappily Ever After), assim como utilizamos as entrevistas realizadas por Souza (1983) em sua pesquisa sobre a construção da identidade negra e uma revisão bibliográfica.

Palavras-chave: ideal branco, psicologia, combate.

1 Introdução

Neste artigo abordamos os processos de subjetivação e de formação da identidade, (Hall, 2015), das mulheres negras a partir do método cartográfico que foi desenvolvido por Deleuze (1998) e Rolnik (2014).

E para analisarmos o tema escolhemos o filme *Felicidade por um fio* para ser cartografado, por se tratar de um filme atual, e por este conseguir exibir várias cenas de racismo, sem desprezar a importância e os impactos do tema. Também utilizamos

¹ Graduanda do 5º semestre do curso de Psicologia, na instituição Centro Universitário Sete de Setembro-UNI7.

² Coordenador e professor do curso de psicologia do Centro Universitário 7 de Setembro e professor orientadora do Programa de Iniciação à Docência, na disciplina de Psicologia Social II, < paulogermano@uni7setembro.edu.br >.

as entrevistas publicadas no livro *Tornar-se Negro*, (Souza,1983) onde se discute os discursos racistas internalizados por pessoas negras.

Utilizamos também como base teórica o caderno temático, *Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os do Conselho Federal de Psicologia – CFP (2017)* com a intenção evidenciar o posicionamento da psicologia sobre o assunto. E também é importante salientar que em relação a essa discussão o Conselho Federal de Psicologia – CFP, afirma por meio da resolução de número: 018/2002 que: “os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão contribuindo com o seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e para a eliminação do racismo”.

A problemática que este trabalho se propõe a analisar é: como o racismo influencia na formação da identidade das mulheres negras na contemporaneidade. Entendemos que este é um tema fundamental para ser discutido na pós-modernidade, pois apesar deste tema ter um respaldo legal, ainda temos um grande número de práticas racistas.

2 Racismo, Identidade e Mulheres Negras

Racismo, de acordo com o entendimento do caderno temático do CFP (2017), é uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que tem características físicas comuns, sendo estas últimas, suportes das características psicológicas, morais intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais.

Dentro dessa concepção observamos três desdobramentos do racismo, que são: o racismo institucional, interpessoal e o internalizado. O primeiro diz respeito à política das instituições que privilegia alguns grupos e negligencia outros, devido a algumas características, no caso dos negros, isso ocorre devido a cor da pele e ao imaginário racista que coloca a cor negra em posição de inferioridade. Este tipo de racismo “indica, pois, a falha do Estado em prover assistência igualitária aos diferentes grupos sociais” (CFP, 2017, p.48).

Já o racismo interpessoal ocorre quando discursos e/ou práticas racistas estão presentes na relação com o outro. Isso pode ocorrer no interior nas organizações, na

relação com a família, amigos, inimigos. “Perpassa, portanto, relações verticais e horizontais, amistosas ou não” (CFP, 2017, p.54).

O terceiro tipo de racismo, de acordo com o CFP (2017), é o internalizado, que acontece quando as pessoas negras introjetam os discursos e/ou práticas racistas. Este modo de racismo pode desencadear três efeitos psicossociais que são: primeiro, o crescimento e o questionamento, neste caso o indivíduo não aceita os discursos racistas e cria recursos psíquicos para combater o racismo. O segundo efeito é a utilização de mecanismos psíquicos defensivos contra o racismo, nesta concepção o sujeito negro nega sua identidade e se identifica com o agressor com o objetivo de manter sua integridade psíquica. Este segundo efeito foi o mais enfatizado neste artigo durante a análise da temática. O terceiro efeito é o dilaceramento psíquico, que é um efeito mais complexo e por isso precisa de vários recursos para se recursos constituir, entre estes estão presentes a terapia individual, familiar, política públicas, dentre outros.

Partindo do entendimento de que o racismo colabora para a formação identitária é importante expor o conceito de identidade. Nesse sentido, DaMatta faz uma importante reflexão, ele afirma que:

Trata-se, sempre, da questão da identidade. De saber quem somos e como somos, de saber por que somos. Sobretudo quando nos damos conta de que o homem se distingue dos animais por ter a capacidade de se identificar, justificar e singularizar: de saber quem ele (a) é” (DaMatta, p.11, 1986).

Hall (2015) também discorre sobre o tema dizendo que a questão identitária atualmente está sendo bastante discutida e o motivo disto são as novas formas de identidade, o que provoca nos sujeitos uma “crise de identidade”. Para este autor a noção de identidade pode ser definida de três maneiras: iluminista, sociológica e a pós- moderna.

Para concepção iluminista, esse sujeito se compõe pelo individualismo, centralismo, racionalismo, e pela estabilidade de identidade, e diz respeito predominantemente a identidade masculina. Já o sujeito sociológico é aquele que tem o pensamento direcionado para a coletividade, ele não é entendido como autônomo nem como autossuficiente, mas sim, formado a partir da relação com o outro. Nesta concepção de identidade, há um preenchimento entre o mundo externo e interno,

entre o mundo pessoal e público. Aqui observamos um alinhamento entre sujeito e cultura, pois os sujeitos do período iluminista internalizam os valores, crenças culturais tornando-os elementos de sua identidade. E, assim como na identidade iluminista, nesta concepção observa-se características como a estabilidade e a previsibilidade nas ações dos sujeitos.

Sobre o sujeito identitário pós-moderno observamos que a característica proeminente é a instabilidade, pois neste período os sujeitos mudam constantemente de ideias e opiniões. Hall (2015) afirma que: “as identidades que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso” (Hall, 2015, p.11). O autor defende que um dos fatores sociais responsáveis por essa mudança de paradigma é a globalização, pois esta permitiu que um grande número de informações circulasse entre os sujeitos de diferentes lugares.

E para compreendermos como a identidade negra contemporânea se formou é necessário que entendamos o período escravista e as consequências deste para os negros, no caso específico as mulheres negras. Nesse sentido Davis, (1982) afirma em sua obra, *Mulheres, raça e classe*, que enquanto mão de obra as mulheres negras eram submetidas a trabalhos e punições equiparadamente aos que atingiam os homens negros, porém após o período “útil” estas eram colocadas no espaço de mulheres. No que se refere à maternidade, a situação era também desigual, pois as negras não pertenciam ao ideário maternal a qual as brancas eram pertencentes.

Ainda de acordo com Davis (1982), elas eram tidas como “fazedoras de nascimentos/breeders”- animais, cujo valor monetário podia ser calculado precisamente em função da sua habilidade em multiplicar os seus números. Ou seja, a maternidade consistia em gerar crianças para servirem de mão de obra. Salientando ainda que durante o período de gestação a escrava deveria trabalhar até atingir a quota determinada, e caso não o fizesse recebiam castigos, como, por exemplo, chicotadas com tiras de couro, além da dor física e emocional que estas mulheres sofriam por não ter o direito de amamentar seus filhos.

Desse modo podemos entender que a subjetividade dessas mulheres desde o período de escravização foi modulada pela sociedade aristocrata branca. É nesse sentido que surgem os movimentos sociais que tem por objetivo defender o direito das

minorias. Porém, é necessário expor que mesmo nos movimentos sociais que tem este objetivo, existem algumas especificidades que devem ser preservadas, pois dentro desse espectro, minorias, há uma diversidade de grupos. Dentre esses grupos temos as mulheres, e nesse grupo existe um subgrupo que são as mulheres negras. É a partir desse olhar esquadrihado que o grupo feminista negro afirma que deve haver um olhar singular para o caso destas mulheres, e com isso em 1988 ocorreu o I Encontro de Mulheres Negras (ENMN) em Valença – Rio de Janeiro, onde estiveram presentes 450 mulheres negras de 17 Estados do País, onde foi debatido as singularidades e necessidades específicas desse grupo de mulheres (Coelho e Gomes, 2015).

Todavia, paralelamente a esses movimentos, observamos também na sociedade contemporânea o fenômeno do embranquecimento das mulheres negras, que podemos analisar como um reflexo do racismo internalizado. Podemos definir embranquecimento como sendo um conjunto de práticas que escondem os traços da raça negra e tendem a evidenciar as características brancas, como por exemplo, o alisamento dos cabelos, o uso de produtos químicos que clareiam a pele, casamentos inter-raciais e o desconhecimento ou até mesmo vergonha da cultura negra. E nesse sentido é importante distinguir raça de etnia, pois raça é referente ao fenótipo, enquanto etnia diz respeito à construção simbólico-cultural de elementos que ligam sujeitos de um mesmo grupo, (CFP, 2017). Diante disso, é possível que pessoas com o fenótipo negro se identifiquem como sendo brancas.

E essa desconstrução identitária têm várias razões de ser, pois como é afirmado pelo CFP (2017) historicamente e socialmente falando ser branco no Brasil representa uma função social que carrega em si uma certa autoridade. Entende-se que este é um fator que contribui para o bom sucesso de um sujeito, é uma forma de deixar a vida, “mais fácil”. E nesse mesmo sentido de acordo com o entendimento do (CFP, 2017) é um erro falar em racismo às avessas ou de racismo de negro contra branco, pois para ocorrer o racismo é necessário que se tenha uma hierarquia histórica entre as raças, o que não ocorreu no Brasil em relação aos negros.

O que de fato ocorre é uma rejeição da identidade negra, que, para Souza (1983), se dá através da internalização compulsória e brutal de um Ideal de Ego branco, o qual é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível

com as propriedades biológicas do seu corpo. Ou seja, a criança se desenvolve observando uma sociedade que coloca as pessoas brancas em destaque, o que faz com que a criança queira se identificar como branca.

Costa (1983) afirma ainda que o desenvolvimento psíquico dos sujeitos ocorre em duas fases, a primeira a narcísica, o sujeito sente-se onipotente, completo, nesta fase é importante o olhar do agente que ocupa a função materna, o sujeito produz neste momento uma imagem corporal através do seu imaturo aparelho perceptivo. A segunda fase é o momento em que a criança se separa do agente que ocupa a função materna e vai á procura de um ideal do ego, é importante salientar que para um desenvolvimento saudável consigo mesmo e com a sociedade o sujeito precisa procurar um eu ideal atingível, o que não ocorre quando o indivíduo negro toma para si um ideal do ego branco.

E dentro desse prisma entendemos que o não aceitação de uma pessoa negra em relação a si própria ou a outras pessoas negras, pode-se ser considerada como uma defesa psíquica contra a violência sofrida historicamente (CFP, 2017). Ou seja, no caso, específico das mulheres essa prática de alisamento dos cabelos, é um modo pelo qual essas encontraram de serem aceitas na sociedade racista, que promove o branco como sinônimo de pureza artística, nobreza estética, majestade moral, sabedoria científica, e o negro como o irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensível, o superpotente e exótico. Essas são as principais figuras representativas do mito negro (Souza, 1983).

3 Método Cartográfico

Para analisarmos o processo de subjetivação das mulheres negras utilizamos a cartografia que é um método de investigação da subjetividade, desenvolvido por Deleuze (1998) e Rolnik (2014) Esse conceito difere do conceito geógrafo que conhecemos sobre cartografia, pois diferente do que ocorre na geografia, os cartógrafos sentimentais não devem se deter a representação de um todo estático, mas sim as paisagens psicossociais, que são paisagens dinâmicas que se fazem e desfazem a todo o momento.

Nesse sentido o cartógrafo deve ser alguém atento aos afetos que permeiam as paisagens, e pergunta-se pela intensidade desse afeto. Sobre a palavra afetar é importante que se diga que para Rolnik o afeto não está relacionado exclusivamente a algo positivo, mas sim a movimentos que nos tocam, nos mobilizam, seja positiva ou negativamente. Quais elementos formam essa paisagem? Esta deve ser a pergunta pela qual o cartógrafo identifica as paisagens psicossociais. Assim, Rolnik (2014) diz que os cartógrafos são antropófagos, pois estes sujeitos devoram, incorporam elementos que compõe a cartografia.

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias (Rolnik,2014,p.23).

E para capturarmos esses elementos psicossociais Deleuze (1998) vai se utilizar de linhas, que podemos compreender como se fossem linhas de costura, a diferença é que estas iram costurar a subjetividade dos sujeitos. Nesse sentido é importante salientar que essa costura é feita a partir de três diferentes linhas, a primeira é a linha de segmentaridade dura, a segunda de segmentaridade flexível e a terceira é a linha de fuga. A primeira diz respeito a linhas estáticas bem definidas que não são submetidas a contestação. A segunda é uma linha de reflexão onde os sujeitos são capazes de encontrar novas possibilidades de criação. Por últimos as linhas de fuga são linhas de ruptura, de mudanças abruptas, inesperadas.

É importante salientar que os sujeitos são formados simultaneamente a partir dessas três linhas, ou seja, não existe um sujeito que esteja fixado em determinada linha sem nunca se deslocar para outra. Rolnik (2014) afirma que: “os homens estão expostos a viver essas três linhas, em todas as suas dimensões. É através delas que se expressam se orientam” (Rolnik, 2014,p.53). E é também por meio destas linhas que os sujeitos são capazes de compor e decompor seus territórios.

4 Descrição/Análise do Filme

E com o objetivo de entender os processos de formação da subjetividade negra a partir das linhas de segmentaridade desenvolvidas por Deleuze e Rolnik analisamos o filme “Felicidade por um fio”, narra o processo de autodescobrimento da protagonista Violet, que após problemas na carreira de publicitária e na vida pessoal entra em uma análise de si mesma, e se reencontra na identidade de mulher com cabelos raspados o que para a protagonista foi uma questão muito cara já que a mesma definia seu grau de “perfeição” por meio dos cabelos sempre lisos e bem penteados. Desse modo podemos afirmar que a protagonista durante toda trama do filme se deparou com várias linhas de segmentaridade rígida e com a impossibilidade de permanecer amarrada a estas, abrindo espaço para o despenteamento das ideias antigas e adentramento em linhas de segmentaridade flexível.

4.1 Cena 1

O filme é todo marcado pela questão da identidade da mulher negra, logo no início o filme expressa esse sentimento com a declaração de Violet sobre sua mãe que diz: “Como a maioria das mães negras a minha era consumida pela apresentação de sua filha, eu era um reflexo dela como mãe. Ela era uma fonte sempre presente de ansiedade para certificar que eu estivesse tão bem preparada quanto qualquer criança branca. Elas brincavam com cabelo despenteado, descalças, com vestígios de tudo que tinham comido, em seus rostos, completamente felizes e indiferentes a quaisquer possíveis defeitos em sua aparência. Eu por outro lado tinha de ser consertada. Uma vez por semana era: lavar, condicionar e passar o pente quente até que meu cabelo estivesse liso o suficiente para passar os dedos por ele e sem quebrar, estalar ou arrebentar”.

Durante este processo de embelezamento a força Violet reclama que sua cabeça está queimando, mas Paulette, sua mãe, afirma que as pessoas não gostam de quem reclama. Violet afirma que só após esse processo estava perfeita, mas para essa garota de onze anos a perfeição não era nada divertida. Essa perfeição se mostra como uma linha de segmentaridade rígida na vida da protagonista, pois esta se encontra sempre presa no mesmo penteado, na mesma linearidade de fios de

cabelo e de pensamentos. Percebemos ainda que a protagonista sofre os impactos do racismo interpessoal que acontece quando durante a relação com o outro, no caso dela com a mãe, somos colocados diante de discursos racistas.

Observamos esse mesmo discurso na fala de Luísa, que conta sua experiência de como foi ser uma criança negra, (Souza, 1983). A entrevistada afirma que quando era criança tinha o hábito de conversar sozinha e na frente do espelho, tinha muitos amigos invisíveis. Conta ainda que se achava feia e diferente das outras crianças, pois as outras meninas tinha o cabelo liso e o nariz fino, por isso sua mãe mandava ela colocar um pregador de roupa no nariz para que ele ficasse menos *chato*. Luísa, conta que chegou a sentir medo da própria imagem refletida no espelho. “Tive uma crise de pavor. Foi terrível. Fiquei um tempo grande assim: não podia me olhar no espelho com medo de reviver aquela sensação”, (Souza, 1983, p.35).

4.2 Cena 2

Nessa cena observamos Violet entrar na piscina para brincar com as outras crianças, mesmo receosa pela reação de sua mãe. No primeiro momento tudo ocorre bem, a protagonista até brinca com um garotinho, porém quando Violet retira a cabeça debaixo d’água seus cabelos ficam naturais e as crianças começam a rir dela, o garoto que brincou com ela exclama: “o que aconteceu com seu cabelo? Você está parecendo uma Chia Pet, fazendo alusão a uma espécie de estufa utilizada para brotar chia”. A menina fica assustada e sua mãe quando percebe a situação ordena que ela saia naquele mesmo instante da piscina. Violet expõe que sua mãe sempre dizia ela deveria esta sempre perfeitamente arrumada porque nenhum conto de fadas termina com as palavras *pixaim* para sempre.

Nesse momento, a protagonista ainda criança se depara a linha rígida do preconceito racial, quando ela entra na água molha não somente os cabelos, mas também a imposição que lhe é dada de ter que seguir um padrão. E toda vez que uma imposição é rompida consequências são encontradas, nesta cena Violet sente mais uma vez os efeitos do racismo interpessoal através da fala das crianças que estavam na piscina.

4.3 Cena 3

Podemos observar que o filme é todo sublinhado pelo contraponto de linhas rígidas e momentos de ruptura que fazem com que Violet reflita sobre suas crenças. Nesta cena, Violet, já adulta vê crianças brincando com uma torneira molhando uma a outra, no primeiro instante ela acha a cena bonita e contempla a brincadeira, mas quando a mesma é atingida pela água e seus cabelos ficam naturais, a protagonista fica desesperada.

Uma amiga que presencia o desespero de Violet a encaminha para um salão onde a própria tem o hábito de fazer o cabelo. Enquanto Violet esperava pelo atendimento, observava o diálogo de um cabeleireiro que estava atendendo uma jovem negra que se aborrece com o cabeleireiro por ele ter deixado seus cabelos naturais. A cliente afirma: “Onde eu estava com a cabeça, você me colocou nessa, a culpa é sua”. E o cabelereiro responde: “Minha culpa? Você quer me culpar por fazer você ficar linda? Eu aceito, mas isso é coisa de Deus. A cliente responde: Os irmãos, fazendo referência aos homens negros, amam cabelo comprido. Mas o cabeleireiro afirma: “Olha, o que os irmãos querem é uma mulher de verdade”, fazendo referência a mulheres que se aceitam. Neste trecho, observamos que as pessoas, neste caso as mulheres, muitas vezes na tentativa de serem aceitas e amadas, acabam incorporando um padrão de beleza que não diz respeito ao seu biotipo, o que demanda uma grande quantidade de intervenções.

Podemos comparar a narrativa do filme com as entrevistas do livro Tornar-se Negro, Souza (1998), em uma dessas entrevistas é dito pela entrevistada Carmem sobre relações amorosas, que enfrentou muitas dificuldades, pois não se sentia respeitada pelos amigos do namorado, tinha vergonha da família dele, por ser uma família rica e branca, ela diz ainda: “eu sentia vergonha do meu corpo. Eu queria transar no escuro, eu fui ficando cada vez mais fechada, me sentia ameaçada por todos”, (Souza, 1983, p.41).

Retornando ao filme, Violet ao ouvir a narrativa entre Will, o cabeleireiro, e sua cliente, fica incomodada com a fala do cabeleireiro, pois concorda que a boa aparência está relacionada a ter cabelos lisos e bem penteados, apontando que seu ideal de beleza está amarrado a uma linha de segmentaridade rígida e a introjeção do ideal branco. A protagonista, no entanto, interrompe seus pensamentos quando se depara

com uma menina a olhando fixamente, que é Zoe, a filha do cabelereiro. A protagonista incomodada com o olhar fixo da garotinha diz a mesma que não é educado olhar para as pessoas desse modo. A menina a responde que por cinco dólares para de olhar para ela, já que a protagonista pagou uma quantia em dinheiro para entrar na fila rapidamente. Após esse diálogo Violet fica irritada, não só pelo atrevimento da garotinha, mas pelo fato dela ter desarrumado a inflexibilidade dos seus pensamento.

Depois da discussão com a garotinha, Violet recebe atendimento, o que ela não imagina é que Zoe trocaria os produtos que iriam ser usados no seu cabelo. O que fez com que os cabelos de Violet caíssem aos tufos. Quando a protagonista percebe esse acontecimento fica incontrolável, responsabiliza Zoe pelo fato ocorrido. Will, o cabeleireiro que é também pai da garotinha surge na cena, tenta acalmar a protagonista que furiosa diz que o único modo dele reparar o dano causado é comprando uma peruca de boa qualidade. O desespero da protagonista é acentuado, pois ela esta ansiosa para o jantar que ira comemorar seu aniversario e um provável pedido de casamento.

Percebemos nesse trecho que Violet acredita que o sucesso da sua vida, seja pessoal ou profissional, encontra-se intimamente relacionado à aparência que ela acredita ser a ideal. Consequentemente, quando um fio de cabelo seu esta “fora do lugar” é como se a vida da protagonista estivesse com uma linha fora do lugar, e de fato, episódios como estes desalinham os paradigmas que cercam a publicitária.

4.4 Cena 4

Nesta cena ocorre o jantar que comemora o aniversário da protagonista. Durante este evento Violet é surpreendida, pois ao fazer o brinde tão esperado, Clint, o namorado da protagonista, não lhe pede em noivado e lhe dá de presente, ao invés de um anel, uma cachorrinha de nome Lola. O que deixa Violet muito infeliz, e após o brinde vai ao banheiro reclamar do ocorrido com suas amigas e sua mãe que lhe diz que ela deve se conformar e aguardar a data pacientemente e voltar para festa com um sorriso no rosto. Violet faz o que sua mãe pede, contudo, ao chegar em casa ela acaba dizendo que esta decepcionada pois esperava ser pedida em casamento já que o namorado havia dito que ela é perfeita.

Mas Clint, já aborrecido, diz que não pode casar-se com ela, pois não a conhece, só sabe que ela é perfeita o tempo todo, sempre *certinha*, não dança, não bebe, não se arrisca. Violet, que não esperava ouvir nada disso, fica atordoada e diz para o namorado que é melhor ele ir embora. Ele fica surpreso pergunta se ela tem certeza e diante da resposta positiva vai embora. A surpresa da publicitária a desalinha fortemente, pois esta acreditava que seu modo de viver *alisado* seria o mais correto e propenso ao sucesso.

4.5 Cena 5

E após esse término parece que a perfeição da vida de Violet começa a desmoronar, a protagonista não consegue vender a campanha na qual estava trabalhando, pois não consegue afirmar que as mulheres têm que ser perfeitas, apesar de ter dito isso por muito tempo com tranquilidade, evidenciando assim que um corte esta permeando a vida da protagonista. Ela afirma para seus sócios sobre as mulheres: “Vocês não a estão olhando direito ela é bem mais que perfeita”. Mas essa fala não é bem vista pelos sócios que não compreendem a mudança de Violet e nem a encaram como algo positivo para o funcionamento da empresa. Por isso falam para Violet para tirar alguns dias de folga para resolver suas questões. Essa cena demonstra que não apenas a protagonista vive presa a uma linha de segmentaridade dura, que para Deleuze (1998) são linhas estáticas bem definidas que não são submetidas a contestação, mas também a maioria das pessoas que estão a sua volta.

Fazendo um paralelo com as entrevistas publicadas no livro *Torna-se Negro*, a entrevistada, Carmem, diz que se reconhece como *preta*, mas consegue ser melhor que as pessoas brancas. (Souza, 1983). Evidenciando em seu discurso a pressão que as pessoas negras se colocam para se sobressaírem em relação às pessoas brancas.

Não é por acaso que o filme *Felicidade por um fio* fala sempre de perfeição, perfeição do vestuário, na vida amorosa, familiar, em todos os aspectos. Pois de acordo com o entendimento do CFP (2017) a busca pela perfeição é um mecanismo de compensação utilizado pelos sujeitos que introjetaram o discurso racista de que o negro é inferior ao branco. Colocando de outro modo, os sujeitos consciente ou inconscientemente estão expondo a ideia que apesar de serem negro (a) s tem competência.

4.6 Cena 6

Após sair do escritório onde trabalha, a publicitária fica sozinha, e ao perceber um casal de namorados brincando e sorrindo fica ainda mais entristecida com sua vida e resolve fazer algo diferente, então muda o estilo do seu cabelo tingindo-o de loiro. Essa mudança é um rompimento com seu estilo de vida antigo, a protagonista relaciona o tingimento loiro a uma identidade *rebelde* e livre. Mas o tingimento no cabelo não é bem recebido por suas amigas que aconselham a amiga a ser ela mesma. No entanto, chateada, Violet fala: “O que seria isso? O corte da miss obsessiva compulsiva?” Fazendo referencia a perfeição que o ex namorado afirmou que ela possui. Ela continua dizendo que este é o cabelo que a representa no momento.

E, para comemorar a mudança no cabelo, a protagonista decide ir a uma festa, onde passa a noite toda conversando com um rapaz e interpretando uma personagem que ela acredita ser ela, porém, ao chegar a casa desse rapaz, percebe que ela esta tomando atitudes que não dizem respeito a personalidade dela, chama um taxi para ir pra casa mas durante o caminho decide ir encontrar Clint no hospital onde ele trabalha mas chegando lá se depara com o ex namorado conversando com uma mulher o que a deixa ainda mais triste. Ao chegar em casa, resolve jogar todas as coisas que a fazem lembrar de Clint e decide raspar todo o seu cabelo e o faz numa mistura de raiva e felicidade por se livrar daquilo que, para ela, sempre foi um símbolo de perfeição. Esse parece ser o ponto alto de sua ruptura com o padrão de beleza que lhe foi imposto.

Porém, no dia seguinte, quando acorda e se vê no espelho a publicitária fica apavorada com o seu feito. E mais apavorada ainda fica sua mãe quando vê a filha de cabelos raspados, e desmaia. Violet, apavorada, liga para seu pai que a socorre e lhe diz que ela não fez isso por capricho, mas sim porque chegou ao seu limite e que ela deve continuar trabalhando nesse processo de descobrimento de si. Violet escuta o conselho de seu pai, mas quando chega ao seu trabalho não suporta o que vem acontecendo em sua vida e vai ao banheiro chorar. Nesse momento, encontra uma mulher que também está passando por momentos difíceis e oferece a ela o endereço de um local onde ocorrem reuniões para mulheres que estão com dificuldades em suas vidas.

Violet contrariada aceita o endereço, afirmando que não gosta de falar com estranhos, mas mesmo assim aparece no grupo, escuta a fala de algumas mulheres e ao perceber que elas discutem sobre assuntos como, a recuperação do câncer decide ir embora, pois acredita que sua dor é por um motivo muito menos nobre.

Porém, antes que consiga ir uma mulher participante da reunião a chama e diz que ela não precisa ir embora e que ela pode contar o que esta acontecendo com ela, mas Violet afirma que não esta acontecendo nada, apenas terminou com seu namorado e raspou os cabelos, e se constrange porque antes ela escutava uma mulher que falava sobre o combate ao câncer, mas a mulher a acalma dizendo que apesar da doença ela também se preocupa com seus cabelos e admira a coragem de Violet raspar os seus, mas diz que ela deve se assumir e não andar entristecida devido ao cabelo.

E é com essa fala que a protagonista volta ao trabalho e pede para seu chefe que ele dê a ela a oportunidade de trabalhar em campanhas que vendem bebidas alcoólicas, pois deseja se afastar da venda de produtos femininos por um tempo. O chefe, mesmo contrariado da uma oportunidade para Violet trabalhar com a campanha desejada.

Aqui observamos o poder da escuta. Violet sempre teve receio de falar sobre seus problemas tanto que o próprio namorado disse que não a conhecia, mas a partir do momento em que falou o que sentia para outra pessoa, pode organizar seu próprio pensamento sobre os acontecimentos de sua vida.

4.7 Cena 7

Chegando em casa, Violet encontra uma carta de Zoe lhe pedindo desculpas por ela ter roubado um vestido na loja sem pagar e ter envolvido Violet que mesmo com intenção de ajudar acaba sendo mal interpretada por Will, pai de Zoe. Emocionada, a protagonista vai à casa da menina levando um presente, o vestido que ela havia roubado da loja. Zoe fica animada e experimenta o vestido, nesse momento Violet diz que ela está linda, mas a garotinha responde: “Estou mesmo, exceto pelo cabelo e pelo corpo”, e Violet, surpresa, pergunta o porquê dessa afirmação.

A menina diz que a própria protagonista havia dito isso a ela. E nesse momento Violet fazendo uma ruptura com seu antigo pensamento diz: “ Nunca deixe que a opinião negativa de alguém se torne sua realidade”. Durante essa conversa, Will

chega e, observando a felicidade da filha, convida Violet para jantar. Esta, mesmo receosa, aceita. Após o jantar, durante uma conversa, Violet pergunta ao anfitrião por que tantas plantas em sua casa. E ele responde que é para fabricação de produtos para os cabelos crespos, pois as mulheres que vão ao seu salão normalmente pedem para alisar seus cabelos e a desculpa é sempre a mesma: dá menos trabalho.

Mas, segundo o pai de Zoe, não é trabalhoso cuidar de cabelos crespos se a pessoa utilizar os produtos apropriados para esse tipo de cabelo, disse ainda que não gosta de alisar os cabelos das mulheres que vão ao seu salão, e tenta mudar esse padrão de beleza, começando pela sua filha. Mas têm que lutar contra os comerciais, revistas que sempre dizem o contrário. Violet, que é publicitária, se defende dizendo que faz alguns desses comerciais, mas não tem culpa, pois ela não criou as regras e só reflete o que a sociedade pensa. Mas o pai de Zoe afirma que poderíamos refletir o que a sociedade deveria ser. Nesse instante, Violet o interrompe dizendo que ela tem que agradar seus clientes assim como ele faz.

Dentro desse prisma, Kehl (2016) defende que na atualidade a publicidade não serve apenas para convencer o possível comprador de que um dado produto é melhor que outro, mas junto com essa ideia a publicidade vende sonhos, ideais, atitudes e valores para a sociedade inteira. Os publicitários descobriram que é possível fazer o inconsciente do consumidor trabalhar a favor do lucro de seus clientes, à medida que o inconsciente não é ético, nem antiético. Ele funciona de acordo com a lógica da realização imediata dos desejos, que não são individuais, pois o desejo é social, ou seja, desejamos sempre aquilo que fomos ensinados a desejar, o desejo parte do desejo do outro.

Assim, podemos concluir que Violet é uma mulher cuja identidade foi moldada no período pós-moderno, que é um período marcado pelas constantes mudanças de crenças e valores. E atravessada pelas linhas de segmentaridade dura e flexível, à medida que em alguns momentos se mostrou totalmente convicta de suas ideias, sinalizando uma linha de segmentaridade rígida, porém, no decorrer da trama começou a contestar seus valores, mostrando assim que adentrava em uma linha de segmentaridade flexível, não adentra em uma linha de fuga, que é uma mudança abrupta, pois a sua reflexão ocorre de modo lento e gradual.

A protagonista durante a narrativa do filme sofreu com os efeitos do racismo internalizado, e fez uso de mecanismos psíquicos defensivos, pois, fazia vários tratamentos de beleza afim de ter seus cabelos sempre perfeitamente lisos o que contrariava o seu biotipo. E com os efeitos do racismo interpessoal praticado por sua mãe e por colegas.

5 Considerações Finais

Diante do exposto, percebemos que a contemporaneidade é marcada por constantes rupturas identitárias, que os valores, crenças, que em outros momentos da sociedade, como no iluminismo, eram fixos e estáveis na sociedade pós-moderna são dinâmicos e imprevisíveis. Atualmente existe a presença de vários movimentos sociais que tem o intuito de garantir a efetivação de direitos das minorias.

Observamos por meio do caderno temático **Relações Raciais: Referências Técnicas** para atuação de psicólogas/os, desenvolvido pelo Conselho Federal de Psicologia – CFP e com a resolução 018/2002 que o psicólogo tem o dever de ser atuante no combate a quaisquer tipos de preconceito, deve ser ator social que tem por objetivo promover o sentimento de pertencimento, emponderamento, autoestima da sociedade.

Percebemos ainda que o racismo tem seus desdobramentos que segunda o CFP (2017) são o racismo institucional, interpessoal, e internalizado. E que independente do tipo de racismo as pessoas negras sofrem com seus efeitos e isso pode ocasionar uma serie de adoecimentos psíquicos.

6 Referências

BLUM, Isis Gabrielly Slompo; EMILIANO, Silvani; CÁSSIA, Danielle de. **CABELO AFRO E A ESTÉTICA: A VALORIZAÇÃO DOS TRAÇOS ÉTNICOS**. Disponível em: <<http://tcconline.utp.br/media/tcc/2017/03/CABELO-AFRO..pdf>>. Acesso em: 22 out. 2018.

Conselho Federal de Psicologia, **Relações Raciais: Referências Técnicas** para atuação de psicólogas/os. Brasília: **CFP, 2017. 147 p.**

COELHO, Andreza Maria Sá; GOMES, Sansarah da Silva. **O MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO E SUAS PARTICULARIDADES NA SOCIEDADE BRASILEIRA.** 2015. Disponível em:

<<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/o-movimento-feminista-negro-e-suas-particularidades-na-sociedade-brasileira.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2018.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DaMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco Ltda, 1986. 111 p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, CLAIRE. **Diálogos**, São Paulo: Ed.Escuta, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. 55 p

KEHL, Maria Rita. *A frátia órfã: conversas sobre a juventude*. São Paulo: Olho d'água, 2008.

ROLNIK, Suely, **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. – 2ª edição, Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014, 247p.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro**; as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social/ Neusa Santos Souza.- Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983, Coleção Tendências; v.4.